



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



O MIDIÁTICO E O MEDIATIZADO: uma reflexão sobre o campo jornalístico¹

Thalita Mascarelo da Silva - Fiocruz (ICICT)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS)

RESUMO

Baseado no aporte teórico social de campo de Bourdieu, este estudo busca refletir sobre as transformações no jornalismo. Aqui, os atores sociais do campo são os protagonistas, os quais diante de disputas e tensões, podem tanto conservar quanto transformar o *modus operandi* jornalístico, no teórico-metodológico e empírico. Conclui-se que as mudanças no espaço-tempo criam um emaranhado de novos atores constituintes do campo que, com novos critérios de noticiabilidade, demarcam uma representação social mais condicionada às necessidades e demandas sociais atuais.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo alternativo; campo jornalístico; midiaticização; meios de comunicação de massa; jornalismo profissional.

1 INTRODUÇÃO

A informação circula dentre múltiplos enunciadores, em um processo de midiaticização social (Hjarvard, 2012), alterando a antiga hierarquização hegemônica na produção de mensagens mediadas por meios de comunicação de massa. O advento da internet e suas dinamicidades demarcam espaço-temporalmente um outro fazer. Neste estudo, objetiva-se compreender as transformações no campo (Bourdieu, 2003), partindo do princípio de uma realidade de embricamento do ainda resistente Paradigma da Comunicação de Massa ao emergente processo de midiaticização, o que requer novas maneiras de observar, compreender, conceituar e pesquisar sobre mídias e o jornalismo.

2 METODOLOGIA

O estudo foi estruturado com base em uma revisão bibliográfica e reflexão analítica sobre o modelo teórico comunicacional e como isso afeta teórico-metodologicamente as novas tendências no campo jornalístico, na pesquisa e na práxis.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Paradigma da Comunicação de Massa representou um desenvolvimento teórico-metodológico para a Comunicação e as mídias, formulando a importância de um campo midiático para se desenvolver conhecimento sobre os meios de comunicação de massa e o seu poder simbólico, como já dizia

¹ Trabalho apresentado no GT4 - PRÁTICAS PROFISSIONAIS E FORMAÇÃO CIDADÃ EM COMUNICAÇÃO - CBCC da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

Bourdieu (1989) de fazer ver e fazer crer. Com o desenvolvimento digital ganhando dominância, a midiaticização se faz fundamental para a continuidade das reflexões no campo.

Midiaticização social é um processo dependente da lógica da mídia (Hjarvard, 2012), de forma nova, individual e própria. Portanto, ao mesmo tempo em que o midiático é um campo historicamente constituído, as mídias estão sendo integradas por outras instituições e agentes sociais que nada tinham a ver com o preconizado no Paradigma da Comunicação de Massa. Ao se apropriarem das mídias, nesse processo, podem, inclusive, institucionalizar-se, tornando-se por direito, parte do campo.

É predominante hoje os *sites* de jornais na internet. O *site* de jornal funciona em outra lógica – intemporal na virtualidade, a partir de *hashtags*, *clicks*, com perfil em redes sociais – a título de se fazer ver, vivenciando ontologicamente um processo outro. Portanto, não é exagero dizer que o jornal impresso difere do *site* de jornal. Por isso, a internet se apresenta como potencialmente capaz de transformar profundamente a prática do jornalismo (Adghirni; Pereira, 2011).

Nesse outro espaço-tempo, o midiaticizado é o processo preponderante, em detrimento do midiático. Há uma irrupção de novos atores, com práticas, crenças e valores que são intrínsecos ao campo, fazendo-se pertencer de modo múltiplo e diverso. De acordo com Pachi Filho, Rodrigues de Souza e Moliani (2019, p. 24-25), na atualidade o jornalismo alternativo se define por uma abordagem de fatos que não são noticiados pela mídia tradicional ou por sua conduta distinta e posicionamento contraposto ao discurso hegemônico. Esses jornais, a partir de seus atores constituintes, acreditam que vale a pena estar preso ao jogo e que esse jogo merece ser jogado, o *illusio* (Bourdieu, 1997). Dessa forma, como sua existência dentro do campo o transforma?

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *habitus* (Bourdieu, 2003) constitui as regras, as práticas e os sentidos compartilhados entre os agentes. No jornalismo há cristalizado princípios, finalidades, o *ethos* jornalístico, porém cada agente no campo possui a sua própria bagagem e experiências que irão se articular intrinsecamente a esse *habitus* (Bourdieu, 2003). Daí surgem tensões de prevalência no campo, quais agentes são mais centrais e ditam as regras, em uma disputa por legitimação e dominância entre os jornais, desde os mais resistentes a mudanças até os novos atores consolidando outras formas.

Bourdieu (2003) também ressalta que é preciso agentes que invistam no campo, sendo uma tarefa antagônica, uma vez que o investimento tem de ser tanto em conservar como em transformar. Ou seja, tão importante quanto agentes que conservem princípios e *ethos* historicamente construídos também é necessário transformar, na medida em que a realidade social impera remodelações, de convicções e demandas.

Nos estudos, é possível verificar, por exemplo, um movimento recente que demarca as questões de gênero na sua matriz epistêmica, assim, o modo como jornalistas elaboram notícias e leituras dos

acontecimentos passou a lidar com diálogos e tensões tecidos por feministas, pessoas negras e LGBTQIA+; esse momento vigente faz escancarar na análise teórica e empírica do campo a força ainda resistente da herança positivista nos dogmas, nos pressupostos e nos valores que balizam a prática profissional (Lago; Gonçalves; Kazan, 2023, p. 127).

Um exemplo que vem chamando atenção de seus pares - os jornais, da sociedade e da academia é o Nós, mulheres da periferia. Antes, uma página do *Facebook*, hoje, uma empresa jornalística fundada e autogestionada por mulheres negras e periféricas². Ao institucionalizar-se, impulsionou-se ao campo e participa do jogo. Nós, mulheres da periferia já é parte dessa compreensão de transformação do campo jornalístico no século XXI (Nonato, 2018). É interpretada como mulheres jornalistas que antes eram vozes ausentes e agora se expressam presentes, com narrativas constituídas pelo gênero, cor de pele e território do qual as autoras fazem parte (Martini, 2017). Um exemplo que (re)configura o campo, sendo agregado a interseccionalidade como um critério de noticiabilidade.

Destarte, com o processo de midiáticação, há atores furando a barreira - construída historicamente de invisibilidade midiática intrínseca ao Paradigma da Comunicação de Massa. Com a sua própria prática profissional, bagagem diversa, capital popular e regida por contextos, não um noticário homogêneo para uma massa de leitores que não existe mais no virtual. Em um cenário em que o antigo e o novo coexistem, a disputa no campo é por dominância. Como alerta Bourdieu (2003), embora o *habitus* histórico-social se imponha e condicione o campo, há disputa, por incorporações e transformações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso demonstrar que no trabalho jornalístico há espaço para outras linguagens, contradiscursos e movimentações. Disso decorre a importância de se pesquisar em comunicação para além dos meios, voltando-se aos atores sociais, os jornalistas, aqueles que lutam para se apresentar como sujeitos com direito à palavra (Pachi Filho; Rodrigues de Souza; Moliani, 2019, p. 26) e direito ao campo, transformando de dentro para fora o que chega de informação jornalística à população.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. In: **Intexto**, Rio Grande do Sul, n. 24, p. 38-57, 2011.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1997.

BOURDIEU, P. **Lições da aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

² <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>

HJARVARD, S. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

LAGO, C.; GONÇALVES, G. O.; KAZAN, E. M. Jornalismo a partir da lógica decolonial: o caso do Nós, Mulheres da Periferia. In: **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Paraná, v. 10, n. 2, p. 126-143, 2023.

MARTINI, M. R. Narrativas periféricas: protagonismo feminino promovido pelo trabalho de mulheres jornalistas. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, ECA-USP, nov. 2017.

NONATO, C. O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Joinville-SC, Univille, set. 2018.

PACHI FILHO, F. F.; DE SOUZA, R. B. R.; MOLIANI, J. A. Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativos e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente. In: **Comunicação & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 5-28, 2019.